

PALAVRA E PODER: OS DISCURSOS DE FIDEL CASTRO COMO FONTES HISTÓRICAS (1959-1976)

[DOSSIÊ]

Bruno Romano Rodrigues

Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

Este artigo reflete sobre o uso dos discursos do líder revolucionário Fidel Castro como fontes históricas relacionadas à Revolução Cubana. Por se tratarem de documentos controlados pelo Estado, no que diz respeito à sua produção e circulação social, atentaremos para as características destes que foram registros históricos elaborados com o objetivo de perpetuar uma narrativa sobre o passado insular a partir da luta armada de Sierra Maestra. Para tanto, aqui se propõe uma compreensão dos discursos castristas por meio do conceito de fala pública, que abrange diferentes dimensões responsáveis pela construção e transmissão da memória social concebida pelo Estado socialista cubano, tais como pronunciar, registrar, publicar e rememorar. Por fim, como parte indissociável desse tipo de fonte no contexto revolucionário, serão analisadas as estratégias de comunicação empregadas por Fidel Castro nos palanques, enfocando como os aspectos retóricos ajudaram a estruturar seus discursos como chefe de Estado.

Palavras-chave: Fidel Castro. Revolução cubana. Discursos. Fala pública. Fontes históricas.

This study reflects on the use of revolutionary leader Fidel Castro's speeches as historical sources related to the Cuban Revolution. As the State control these documents regarding their production and social circulation, we will pay attention to their characteristics, which were historical records created to perpetuate a narrative about the island past based on the armed struggle in Sierra Maestra. For this, we propose understanding Fidel Castro's speeches by the concept of public speech, which encompasses different dimensions responsible for constructing and transmitting the social memory the socialist Cuban State conceived, such as pronouncing, recording, publishing, and remembering. Finally, as an inseparable part of this type of source in the revolutionary context, we will analyze the communication strategies Fidel Castro used on platforms, focusing on how their rhetorical aspects helped to structure his speeches as head of state.

Keywords: Fidel Castro. Cuban revolution. Speeches. Public speaking. Historical sources.

Este artículo reflexiona sobre el uso de los discursos del líder revolucionario Fidel Castro como fuentes históricas relacionadas con la Revolución Cubana. Al tratarse de documentos controlados por el Estado, en cuanto a su producción y circulación social, prestaremos atención a las características de estos, que fueron registros históricos creados con el objetivo de perpetuar una narrativa sobre el pasado insular basada en la lucha armada de Sierra Maestra. Para ello, proponemos una comprensión de los discursos castristas a través del concepto de discurso público, que abarca diferentes

dimensiones responsables de la construcción y transmisión de la memoria social concebida por el Estado socialista, como pronunciar, registrar, publicar y recordar. Finalmente, como parte inseparable de este tipo de fuentes en el contexto revolucionario, analizaremos las estrategias comunicativas utilizadas por Fidel Castro en las plataformas, centrándonos en cómo los aspectos retóricos ayudaron a estructurar sus discursos como jefe de Estado.

Palabras-clave: Fidel Castro. Revolución cubana. Discursos. Hablar en público. Fuentes históricas.

Introdução

No poder, Fidel Castro falou muito, Fidel Castro falou sempre, Fidel Castro falou sobre quase tudo. Tais afirmações expressam aquele que talvez tenha se tornado, ao longo do tempo, o único consenso envolvendo a Revolução Cubana. Pode-se afirmar que os discursos do líder revolucionário se confundem com a própria história contemporânea de Cuba, sendo um elemento central para a compreensão das diferentes etapas do regime socialista insular (Alcázar; Rivero, 2013).

Dos detratores mais ferrenhos aos fiéis apoiadores do governo liderado pelo *comandante en jefe*, teóricos, pensadores e demais observadores de diferentes nacionalidades e espectros político-ideológicos parecem unânimes quanto ao fato de que o líder guerrilheiro de Sierra Maestra foi um personagem prolífico na arte da oratória. Falar em público talvez tenha sido a principal ação praticada por ele ao longo de seus 90 anos de vida, mesmo após a sua saída provisória do poder em razão de problemas de saúde, em julho de 2006.

Procurando tomar distância das distintas opiniões individuais e, sobretudo, do aspecto valorativo que perpassa um tema tão complexo e mobilizador das paixões políticas, foi considerado que a alta produtividade discursiva do estadista deve ser considerada um objeto histórico concreto, isto é, uma constatação objetiva para a historiografia que se debruça sobre as quase cinco décadas em que ele esteve à frente do Estado e do Partido Comunista de Cuba (PCC).

Segundo a lista disponibilizada pelo portal on-line¹ criado pelo governo cubano, Fidel Castro teria proferido 1.050 discursos entre 1959 e 2006. Contudo, tal número pode sofrer variações dependendo da fonte de informação consultada. De acordo com os dados coletados pelo historiador cubano Pedro Álvarez Tabío, organizador de uma coletânea contendo os 25 “maiores” discursos do líder revolucionário (Castro, 2008), Castro teria realizado mais de 1.150 intervenções orais ao longo de seus consecutivos mandatos como primeiro ministro e presidente da República. Comparando as informações levantadas por Tabío com as do portal oficial on-line, nota-se uma discrepância de pelo menos 100 discursos entre as duas contabilizações.

Disso depreende-se, em primeiro lugar, que mesmo dentro de Cuba, onde esse tipo de informação é controlado pelo aparato estatal-partidário, há divergência quanto ao número total de alocações realizadas pelo estadista². Assim sendo, pode-se aventar a possibilidade de que o referido portal mantido pelo Estado tenha realizado uma seleção prévia dos pronunciamentos que fariam parte da lista divulgada na internet, excluindo também, como consequência

¹ Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/>. Acesso em: 10 fev. 2024.

² Segundo Carlos Franqui (1988), integrante do M 26-7 e, inicialmente, entusiasta da Revolução Cubana, uma grande quantidade de discursos castristas permaneceram “clandestinos” ao longo da história. Sem oferecer provas e nomes dos envolvidos, o autor, que em fins dos anos 1960 se exilaria por conta de divergências quanto aos rumos do regime socialista, afirmou que os responsáveis pela publicação desses discursos dentro de Cuba teriam sido duramente reprimidos, alguns inclusive fuzilados.

desse processo de seleção, aqueles que não fariam parte da lista final por alguma razão não especificada.

Levando em consideração os números fornecidos pelo portal estatal e por Pedro Álvarez Tabío, o estadista teria realizado entre 22 e 24 discursos ao ano, respectivamente. Isso significa uma média de 1,8 a 2 discursos por mês ao longo dos 47 anos em que ocupou cargos de liderança na estrutura estatal-partidária em Cuba. A despeito dessas médias, que representam uma distribuição anual e mensal de suas falas públicas, entre 1959 e 2006 não se nota uma recorrência homogênea das fontes. No que se refere ao período de 1959 a 1976, nota-se que esses anos concentraram quase a metade de todas as alocações realizadas por Castro durante os quase 50 em que esteve no poder, contabilizando 48,3% de sua produção discursiva.

Ainda a partir dos dados do portal on-line, nota-se que a primeira década (1959-1968) apresentou a maior concentração entre todas, com 30,3% do volume total, o que aponta para uma intensa utilização da “palavra” do mandatário como forma de interação com as massas, bem como de legitimação política e ideológica do regime instituído após a deposição de Fulgêncio Batista. Isso evidencia como as aparições públicas do estadista e, em particular, sua oratória, serviram como uma das principais formas de comunicação adotadas por seu governo logo após o triunfo guerrilheiro (Rodrigues, 2021).

Já o terceiro decênio (1979-1988), marcado pela institucionalização do regime socialista, apresentou o menor índice da série histórica, contabilizando 10,1% dos discursos de Fidel Castro. Com ocorrências semelhantes entre si aparecem a segunda

década (1969-1978), com 21,5%, a quarta década (1989-1998), com 18,4%, e o quinto e último período³ (1999-2006), com 19,4%.

Ainda com relação aos dados compulsados no portal estatal disponível na internet, constatou-se que 1959 foi o ano em que Fidel mais falou em público, com 69 alocações ou cerca de 6,5% de todos os seus discursos como estadista. Durante o primeiro ano da Revolução no poder a quantidade de falas públicas, tanto em números absolutos quanto proporcionais, não chegou a ser igualada em nenhum dos anos posteriores. Apenas em 1972, quando o mandatário realizou uma visita oficial à União Soviética (URSS), o principal aliado internacional de Cuba, é que o número de pronunciamentos se aproximou de sua produção discursiva em 1959, contabilizando 61 discursos ou 5,8% do volume total.

Se tomarmos os três primeiros anos após o triunfo da Revolução Cubana (1959-1961) como referência, quando o governo encabeçado por Castro ainda não havia assumido o caráter socialista de suas políticas, nota-se a expressiva ocorrência de 158 discursos ou 15% do montante integral. Entre outras possíveis conclusões, isso evidencia como, desde o início do governo revolucionário até, praticamente, a saída de Fidel Castro do poder, a figura do então jovem guerrilheiro recém-saído de Sierra

³ Vale lembrar que o quinto período faz referência a um universo temporal de oito anos, e não de dez, razão pela qual chamamos esse recorte cronológico de período e não de década. Tal diminuição se deve ao fato de Fidel Castro ter saído do poder, ainda de forma provisória, em julho de 2006, em função de problemas de saúde, não tendo depois disso voltado a ocupar os cargos de presidente da República e de presidente do conselho de Estado da República de Cuba.

Maestra e, sobretudo, as palavras proferidas por ele nas tribunas instaladas pelo território cubano serviram como peça central da propaganda político-ideológica construída pelo novo regime que se instaurou na ilha após a derrocada da ditadura batistiana.

Entre 1959 e 1976, um levantamento realizado junto aos anuários da biblioteca José Martí aponta a existência de uma grande quantidade de impressões e reimpressões dos discursos de Fidel dentro e fora de Cuba, contando não menos que 380 edições, o que equivale a uma média de pouco mais de 21 discursos publicados ao ano (Biblioteca José Martí, 1959-1976). No universo editorial cubano, tendo em vista a massa documental que pode variar entre 1.050 e 1.150 discursos, conforme acima apontado, foram consultados os seguintes volumes temáticos, organizados a partir de excertos ou de discursos integrais, realizados entre 1959 e 2010: história da América e de Cuba, batalha de Playa Girón, Comitês de Defesa da Revolução, mulheres, transporte público, esportes, meio ambiente, relações internacionais, infância e juventude, política e ideologia, ciência e tecnologia, direitos humanos, economia, história e memória, viagens oficiais ao estrangeiro e cúpulas de chefes de Estado.

Além dos volumes temáticos e de um dicionário (Safarti, 2008), constatou-se uma grande quantidade de edições de discursos de Fidel Castro veiculadas fora de Cuba, com destaque para as publicações produzidas na Europa, América e Oceania, em países como França, Espanha, Itália, Portugal, Bulgária, Uruguai, Colômbia, Venezuela, México, Brasil, Estados Unidos, Argentina e Austrália. Paralelamente aos discursos publicados dentro e fora da ilha, observou-se

um grande número de edições realizadas a partir de entrevistas concedidas pelo mandatário a jornalistas locais e estrangeiros.

Mais do que uma simples quantificação dos discursos de Fidel Castro no poder, realizada por meio da consulta a diferentes fontes de informação, este artigo tem por objetivo refletir sobre a natureza dessas fontes, problematizando o seu caráter oficial e dialogando com referências teórico-metodológicas que possibilitarão aprofundar o debate sobre as funções de seus discursos na memória criada pelo regime socialista e, no limite, sobre o papel da “palavra” de Castro na política cubana.

Nesse sentido, entendemos aqui o conceito de discurso fundamentado na história da fala pública, área de estudo a partir da qual serão abordadas as diferentes dimensões que compõem os pronunciamentos do líder cubano, demonstrando como eles se tornaram mecanismos de construção e transmissão de memórias ao empregarem recursos retóricos que visavam estabelecer vínculos emotivos e racionais com as plateias. Em suma, neste artigo será analisado o processo responsável pela “fabricação” das fontes.

Construção e transmissão de memórias nos discursos de Fidel Castro

Para compreender as funções da “palavra” de Fidel Castro em Cuba, após 1959, é necessário, em primeiro lugar, explicitar o conceito utilizado para fazer referência aos seus discursos neste artigo. Para tanto,

optou-se pela mobilização do conceito de fala pública, cunhado pelos intelectuais Carlos Piovezani e Jean-Jacques Courtine, que o definiram da seguinte forma:

A história da fala pública deve ser mais ampla do que uma história da retórica, que pretendesse considerar apenas e abstratamente a *inventio*, a *dispositio*, a *elocutio*, a *actio* e a memória, ou do que uma restritiva análise dos discursos, que buscasse identificar propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas dos enunciados: trata-se antes aqui de uma história dos dispositivos materiais que produzem, transmitem e registram o exercício da fala pública; é também uma história do corpo, da voz e dos gestos dos oradores de distintos campos, épocas e lugares; consiste, ainda, numa história que trata tanto das falas quanto dos diferentes silêncios que as atravessam, frequentam e constituem (Piovezani; Courtine, 2015, p. 15).

A fim de compreender, no contexto cubano posterior a 1959, o que Piovezani e Courtine chamam de “dispositivos materiais” que se encontram na base da comunicação política entre líder e sociedade, a seguir será pormenorizado, segundo nossa análise das fontes, o ciclo “discursivo” que começa na enunciação e termina na rememoração das falas públicas de Fidel Castro em Cuba, com ênfase nos registros textuais, posto que são os vestígios materiais com os quais esta pesquisa trabalha primordialmente.

Trata-se de um esforço interpretativo no sentido de problematizar aquilo que a literatura em geral, incluindo a acadêmica, vem chamando genericamente de “discursos”, sem que se encontre nessa produção intelectual uma ou mais definições claras a respeito

do que se entende por isso, abrindo espaço para imprecisões teóricas e metodológicas a respeito de como as fontes se organizaram desde a sua confecção, passando pela sua circulação social, até a sua rememoração.

Na perspectiva de preencher tais lacunas, julga-se que um estudo realizado a partir das falas públicas de Fidel Castro deve, necessariamente, apresentar uma compreensão clara a respeito de fontes tão complexas quanto volumosas, definindo-as por meio de critérios que possam fundamentar análises aprofundadas da memória oficial construída pelo regime socialista insular. Para fins didáticos, o complexo processo de comunicação política que, em Cuba, a partir de 1959, permeou as relações simbólicas entre líder e liderados foi dividido em quatro etapas:

1. Realização da fala pública pelo orador e visão/audição simultânea do público, interação que pode ocorrer de forma presencial (por meio da presença física dos ouvintes) ou remota (pelos meios de comunicação, tais como televisão e rádio). Nessa etapa da comunicação política, líder e liderados vivenciam experiências de intercâmbio e negociações simbólicas expressas por meio da relação falar-ver/ouvir, legitimando-se mutuamente no espaço público como agentes políticos “autorizados”;
2. Registro da fala pública pronunciada-vista/ouvida por meio da taquigrafia⁴ e total, responsável pela transposição

4 Taquigrafia (do grego *tachys*, rápido, e *grafia*, escrita) é um método abreviado ou simbólico de escrita, feito à mão, que tem por objetivo aumentar a velocidade do registro da oralidade. O sistema taquigráfico trabalha com símbolos ou abreviaturas para as palavras

do universo oral para o escrito. Além do registro textual, nessa etapa podem ocorrer também, paralelamente, outros tipos de registro, tais como a captação de áudio (fonográfico) e de imagens (fotografias e filmes). No âmbito textual, as palavras pronunciadas pelo orador na tribuna são codificadas por profissionais especializados, que fazem uso de um alfabeto e de um idioma⁵ para tanto, por meio do suporte papel;

3. Divulgação da fala pública pronunciada-vista/ouvida-registrada, integralmente ou em partes, dentro e fora Cuba, pelos mais variados meios de comunicação (tais como jornais, revistas, livros, cinema, televisão, fotografia, entre outros). Nessa etapa da comunicação política, as palavras pronunciadas pelo orador na tribuna ganham outro tipo de materialidade, não ficando restritas apenas ao suporte papel usado pela taquigrafia estatal. No âmbito textual, os conteúdos dos discursos são difundidos por diferentes formatos de publicações, que podem envolver volumes temáticos avulsos ou coletivos, apresentando autoria individual ou coautoria;

e frases, permitindo que um indivíduo transcreva simultaneamente um discurso. Nos discursos de Fidel Castro, encontramos apenas uma menção ao registro taquigráfico, feita no dia 1º de maio de 1962, na Praça da Revolução José Martí, em Havana. Na ocasião, o mandatário afirmou que “[...] Um grupo de meninas, que há poucos meses trabalhavam no serviço doméstico, hoje taquigrafam este discurso desta tribuna!” (Castro, 1962a, tradução própria). No original: “[...] un grupo de muchachas, que trabajan hace apenas unos meses en el servicio doméstico, hoy están tomando taquígraficamente este discurso desde esta tribuna!”.

⁵ Nesse caso o espanhol, idioma oficial de Cuba. Tudo indica que somente após esse primeiro registro escrito é que as traduções para outros idiomas foram realizadas.

4. Rememoração da fala pública pronunciada-vista/ouvida-registrada-divulgada em momentos posteriores ao ato de fala original, seja por meio de um novo discurso seja por outros meios de comunicação de grande circulação social. Semelhante a uma metalinguagem, nessa última etapa da comunicação política as palavras pronunciadas anteriormente pelo orador na tribuna são lembradas pelo próprio autor em ocasiões futuras, configurando uma constante atualização dos conteúdos abordados originalmente a fim de legitimar as teses, narrativas e opiniões históricas, políticas e ideológicas que visavam justificar a existência e a manutenção do regime socialista cubano.

À luz da história da fala pública, proposta por Piovezani e Courtine (2015), a identificação das quatro etapas do processo de comunicação política acima expostas (falar-ver/ouvir, registrar, divulgar e rememorar)⁶ visa aprofundar a compreensão dos discursos de Fidel Castro. Dentro dessa teia comunicativa de alta complexidade seria equivocado pensar que apenas o acesso às transcrições das falas castristas pela taquigrafia estatal possibilita uma via de acesso “direta” ao evento em si, às experiências coletivas da fala e da audição em espaços públicos, à dimensão do vivido e do compartilhado ou às percepções e conclusões tanto do orador quanto dos seus interlocutores, menos ainda da memória criada em torno das mensagens veiculadas pelo estadista cubano.

⁶ Complementar a estas quatro etapas, uma outra dimensão deve abarcar a recepção dos discursos de Fidel Castro pela opinião pública cubana. Tal tarefa necessita de outros tipos de fontes, conceitos e instrumentos de pesquisa, não sendo, portanto, o objetivo deste artigo.

Assim, as fontes escritas não permitem acessar todas as instâncias das relações entre líder e liderados, mas apenas a leitura de registros considerados fidedignos e merecedores de fé pública daquilo que originalmente foram palavras ditas e ouvidas em ambientes coletivos, inscritas no universo efêmero da oralidade e da visualidade. Metodologicamente, seria mais apropriado afirmar que neste artigo se analisam, prioritariamente, os conteúdos dos discursos, aqui entendidos como os registros textuais das falas públicas de Fidel Castro, produzidos pelo Estado cubano (uma das dimensões inscritas na etapa 2), e não propriamente os discursos enquanto um evento em si, em todos os seus âmbitos e dimensões, o que envolveria uma série de fatores que não se limitam apenas aos registros escritos legados pelo passado.

A etapa 1, relativa à “fala”⁷, revela a construção e a transmissão oral de quais

(e de como) eventos e personagens históricos inscritos no passado nacional deveriam ser lembrados pelos cubanos. Revela ainda uma dimensão da experiência coletiva entre orador e ouvintes, potencializada pela aglomeração de uma grande quantidade de pessoas em um mesmo espaço público, a fim de expressar uma mensagem político-ideológica unificada, gerando assim a sensação de que orador e interlocutores eram “parte” de um “todo”. Nessa etapa, o emissor busca se qualificar como uma testemunha ocular da história (Giraud, 2010, p. 190), emitindo relatos que são divulgados à opinião pública como a única expressão da verdade, pois produzidos pelo protagonista dos acontecimentos narrados, isto é, por alguém que soube interpretar “seu tempo e conduzir a nação ao seu destino” (Rojas, 2012, p. 131, tradução própria)⁸.

No âmbito da autorrepresentação⁹, a memória de Sierra Maestra visava

⁷ Em entrevista concedida aos jornalistas norte-americanos Mervin Dymally e Jeffrey Elliot, em 1985, Fidel Castro abordou as diferenças entre o discurso “falado” e “escrito”, uma das raras vezes em que falou publicamente sobre este assunto: “Ficamos nos perguntando se um discurso incluiu todos os elementos, todos os dados e a ordem mais correta de apresentação [...] Muitas vezes acontece outra coisa comigo: eu faço um discurso, às vezes tenho que falar de forma extensa, porque minha tarefa é tentar persuadir, argumentar, às vezes insistir, reiterar, e quando termino geralmente fico insatisfeito; depois, quando eu o vejo transcrito, não são discursos escritos previamente, geralmente fico com uma impressão melhor do que quando termino de fazer o discurso [...] é preciso estar constantemente analisando cada palavra que se fala, cada coisa que se expõe, a forma como se expõe, o momento em que se expõe, porque é preciso estar analisando incessantemente o que se faz” (Castro, 2007, p. 32, tradução própria). No original: “Uno se queda pensando si en un discurso incluyó todos los elementos, todos los datos y el orden más correcto de la exposición. [...] Muchas veces me ocurre algo más: hago un discurso, en ocasiones tengo que hablar

con determinada extensión, porque mi tarea es tratar de persuadir, de argumentar, a veces insistir, reiterar, y por lo general cuando concluyo me quedo insatisfecho; después lo veo ya transcripto, no son discursos escritos previamente, suelo tener entonces una mejor impresión que cuando termino de hacer el discurso. [...] uno tiene que estar constantemente analizando cada palabra que diga, cada cosa que plantea, la forma en que la plantea, el momento en que la plantea, porque uno debe estar incesantemente analizando lo que hace”.

⁸ No original: “las claves de su tempo y conducir a la nación a su destino”.

⁹ Ao longo de seu governo, foram raras as vezes em que Fidel Castro discorreu especificamente sobre o seu papel na Revolução Cubana. Pouco tempo após o triunfo revolucionário, ao discursar na Plenária dos Trabalhadores Açucareiros, ocorrida em Havana, em 9 de fevereiro de 1959, o então primeiro ministro lançou mão de outra autorrepresentação que não a de testemunha ocular da história para justificar sua liderança, dizendo-se “obrigado a opinar sobre distintas questões” em virtude da “moral” que havia acumulado como “defensor do povo”. Ao melhor estilo Jean-Paul Marat,

produzir na plateia a sensação de estar escutando histórias da boca de quem esteve “lá”, “viu” e, por isso, podia “falar” com propriedade sobre o que aconteceu. Em 1999, durante a cerimônia oficial do 40º aniversário do triunfo da Revolução Cubana, Castro afirmou que ainda era capaz de “viver” e “perceber” os detalhes do 1º de janeiro de 1959, sobretudo do momento em que dirigiu as primeiras palavras aos cubanos após a fuga de Fulgêncio Batista. Falando do “mesmo lugar”, a cidade de Santiago, o mandatário representou o fato original como um “milagre militar e político” (Castro, 1999) produzido pelos guerrilheiros em pouco mais de dois anos de batalhas contra as tropas batistianas.

Nas etapas 2 e 3, relativas ao registro e publicação, os discursos castristas são veiculados pelos meios de comunicação controlados pelo Estado cubano (tais como televisão, livros, livretos, periódicos, revistas, jornais, outdoors, panfletos, cartazes, entre outros)¹⁰. Ao ultrapassar o universo

revolucionário francês conhecido como o “amigo do povo”, naquela ocasião Castro disse se considerar o “melhor amigo” dos trabalhadores, explorados, humildes, camponeses e das crianças descalças e famintas. Em outra ocasião, no início do século XXI, Castro abordou o tema da auto representação no documentário produzido por Oliver Stone, quando indagado pelo diretor sobre a natureza de seu poder. Na ocasião, rechaçou o uso do termo *caudilho* empregado por Stone, afirmando-se “chefe espiritual” e “moral” da Revolução. Seu poder, segundo ele, estava resguardado e, ao mesmo tempo, limitado pela constituição vigente em Cuba. O mandatário também se autorretratou como um “ativista político”, e não um teórico, no sentido de que não era seu objetivo conceber ideias e teses, mas executá-las a partir do que chamou de “posto de combate”, em referência aos cargos ocupados por ele de 1959 até 2004, quando o documentário *Looking for Fidel* foi lançado.

¹⁰ Nessa seara, destacam-se as publicações cubanas *Obra Revolucionária* e *El Orientador Revolucionário*,

efêmero da palavra falada-ouvida, capaz de gerar, inicialmente, uma sensação de “proximidade” entre líder e liderados, os impressos transformaram as alocações de Fidel Castro em conteúdos de fácil acesso à população após a realização dos respectivos atos de fala, conseguindo socializar suas mensagens por meio da “estocagem de informações” contidas em suportes físicos, e disponibilizando-a em situações que exigissem argumentos de autoridade para cancelar determinados posicionamentos político-ideológicos.

A reprodução das falas públicas de Castro através da escrita, seja na íntegra ou em partes, colaborou de maneira decisiva para a ampliação do alcance dessas mensagens junto ao povo cubano. A repetição massiva de tais conteúdos tinha como objetivo disseminar no imaginário popular uma memória oficial do processo revolucionário pautada na luta armada, transmitindo-a de modo “mediatizado”, isto é, por meio de suportes materiais capazes de colocar em circulação, de forma rápida, versões didáticas dos temas abordados pelo estadista nos palanques. No âmbito editorial, o fato de seus discursos terem ganhado títulos¹¹ evidencia a intenção do regime socialista de

que circularam na ilha durante as décadas de 1960 e 1970. Ana Corrarello (2019) destacou que, internamente, a circulação dos discursos esteve a cargo das publicações autorizadas pelo Departamento de Estado através, sobretudo, da editora estatal intitulada *Política*.

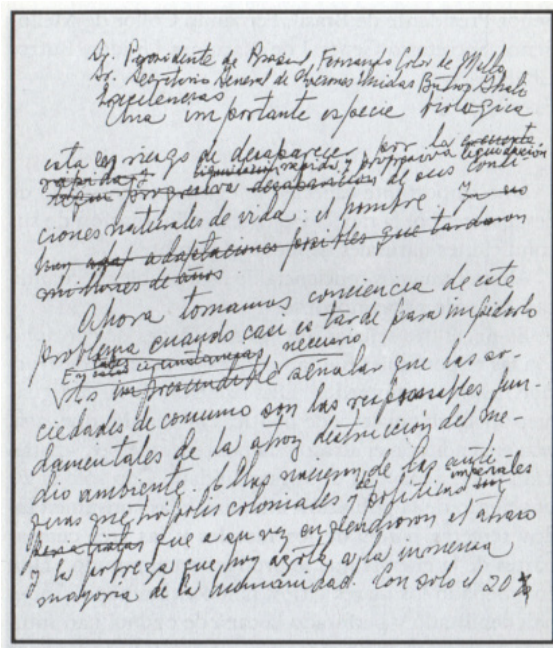
¹¹ A seguir listamos, em ordem cronológica, alguns exemplos dessa prática: *La historia me absolverá* (1953), *Primera Declaración de La Habana* (1960), *Palabra a los intelectuales* (1961), *Autocritica* (1970), *Ni Cuba puede exportar la Revolución, ni Estados Unidos puede impedirle* (1984), *Socialismo: ciencia del ejemplo* (1989), *Esta es la guerra de David contra Goliath* (1990), *Independientes hasta siempre* (1991), *Una revolución solo puede ser hija de la cultura y las ideas* (1999), *La conducta diferente* (2005).

transformá-los em “referência visual” capaz de orientar “as memórias individuais em uma mesma direção”, dotando-as de “significações particulares” que terão “grandes possibilidades de serem compartilhadas” (Candau, 2019, p. 108, 110).

Ainda na etapa relativa ao “publicar”, é possível encontrar outro tipo de registro de discursos em um volume temático que compilou as intervenções orais de Fidel Castro em cúpulas multilaterais ocorridas entre 1991 e 1996 (Castro, 1996). O organizador da edição, Pedro Álvarez Tabío, salientou que pela primeira vez um livro dedicado às falas do mandatário trazia em anexo reproduções fac-símiles dos manuscritos lidos por Castro nas tribunas (Figuras 1, 2 e 3).

[Figura 1]

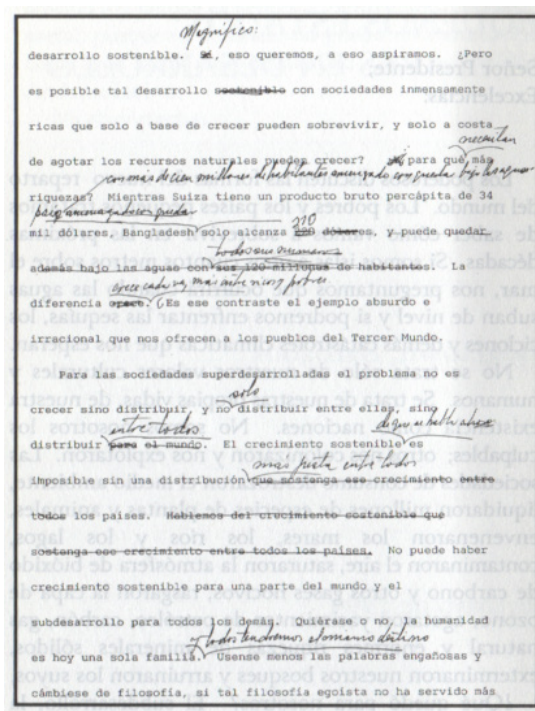
Discurso de Fidel Castro na conferência da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre meio ambiente e desenvolvimento



Fonte: Castro (1996, p. 20)

[Figura 2]

Discurso de Fidel Castro na Cúpula de Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento



Fonte: Castro (1996, p. 42)

Segundo Tabío, o ineditismo do material possibilitaria ao leitor entrar em contato com o processo “criativo” que resultou na confecção dos discursos, permitindo acessar o universo da composição discursiva que nem Fidel Castro nem o alto escalão estatal da ilha haviam divulgado até aquele momento. O volume temático intitulado “Por un mundo de paz, justicia y dignidade” talvez seja o único documento a apresentar as anotações de próprio punho realizadas por Castro antes de sua participação em eventos internacionais. Nas reproduções fac-símiles divulgadas é possível encontrar anotações marginais, riscos, rabiscos, rasuras, setas, inserções, acréscimos, antecipações de frases, preferências por algumas palavras em

detrimento de outras, ou seja, uma série de indícios de que, ao menos quando lia seus pronunciamentos, Castro burilava suas palavras a fim de adequá-las às mais variadas circunstâncias e plateias, o que não se pode assegurar em relação aos discursos tidos como improvisados.

Na etapa 4, relativa ao “rememorar”, algumas falas públicas revelam que Fidel Castro se representou como uma referência para a compreensão da Revolução Cubana, assim como para assegurar a manutenção do regime socialista em seu país. Em 1984, durante a comemoração da efeméride de 1º de janeiro, que naquele ano relembrava o 25º aniversário do triunfo guerrilheiro, o mandatário leu um extenso trecho do discurso pronunciado por ele em 1959, logo após a fuga de Fulgêncio Batista de Cuba. Antes de proceder à leitura, logo no início de sua fala, compartilhou a seguinte reflexão:

Santiagueros; compatriotas de toda Cuba: há 25 anos nos reunimos neste mesmo lugar, quase ao mesmo tempo, para falar pela primeira vez ao povo desta mesma varanda. Não será inútil recordar, pela sua validade permanente, pelo seu valor moral e pelo seu carácter histórico, algumas palavras pronunciadas naquela noite em que os acontecimentos transcendentais do momento exigiram considerável atenção, as quais também expressaram, de forma categórica e definitiva, qual seria a linha fundamental da nossa conduta revolucionária (Castro, 1984, tradução própria)¹².

No excerto acima reproduzido, chama a atenção o uso reiterado que Castro fez da palavra “mesmo”, indicando uma conexão entre a data original, a vitória sobre Batista, e a rememoração desse fato. A alusão ao lugar em que ambos os discursos foram realizados, o Parque Céspedes, localizado no centro de Santiago, à hora em que ocorreram, segundo ele semelhante, e na edificação na qual falou aos seus compatriotas, a sacada do antigo Ayuntamiento da cidade, demonstram como ele tentou criar uma narrativa que conectava o “passado do triunfo” ao “presente da continuidade”, sugerindo que em 1984 todos estavam ali reunidos para reiterar a “vigência” e o “valor moral” do “transcendental acontecimento” que teria inaugurado uma ruptura nunca antes vista na história de Cuba.

Castro voltava ao antigo Ayuntamiento de Santiago com o propósito de reencenar o ato que simbolizou a vitória sobre Fulgêncio Batista, mimetizando-a a fim de atualizar uma determinada visão sobre o passado, a qual deveria ser permanentemente resgatada para que a opinião pública continuasse a celebrar o papel histórico dos guerrilheiros de Sierra Maestra. A menção ao discurso original, o de 1959, buscava corroborar o protagonismo do então líder do M 26-7, atribuindo-lhe um papel de relevância na inauguração do que a propaganda oficial julgava ser uma nova era. Sobre o tempo presente de 1984, a fala pública de Fidel reforçava a sua liderança política, enaltecendo a si mesmo em ambos os contextos.

¹² No original: “Santiagueros; compatriotas de toda Cuba: hace 25 años nos reunimos en este mismo parque, casi a la misma hora, para hablar por primera vez al pueblo desde este mismo balcón. No será inútil recordar, por su permanente vigencia, por su valor moral y por

su carácter histórico, algunas palabras pronunciadas aquella noche en que los trascendentales acontecimientos del momento exigían considerable atención, pero en que se expresaba también, de modo categórico y definitivo, lo que sería la línea fundamental de nuestra conducta revolucionaria”.

Além da massiva divulgação dos discursos castristas por meio dos mais variados mecanismos de difusão social, na etapa 4, relativa ao “rememorar”, destacam-se também as iniciativas governamentais no âmbito do que o antropólogo Joel Candau chamou de “iconorreia” (Candau, 2013, p. 72), isto é, uma produção intencional de imagens em larga escala, divulgadas por diferentes meios de comunicação, com o objetivo de corroborar uma determinada mensagem a ser assimilada pela opinião pública.

No caso de Cuba, onde se observa a centralidade do Estado nessa área, a “iconorreia” se expressou através de meios de comunicação como televisão, cinema, internet, livros, revistas, jornais, banners, outdoors (Pedreschi, 2018), cartazes (Castro, 2006) e materiais de cunho político-ideológico em geral, como calendários, selos, emblemas, condecorações, moedas comemorativas e notas de dinheiro, suportes materiais que visavam divulgar as “palavras” ditas por Fidel Castro em cerimônias e eventos oficiais, colaborando tanto para o registro quanto para a circulação delas na sociedade cubana¹³, e até mesmo fora da ilha.

¹³ Um dos suportes materiais que expressam o fenômeno da “iconorreia” em Cuba, após 1959, consiste no registro e na divulgação de gravações fonográficas patrocinadas por instituições estatais, no formato *long play*, dos seguintes discursos de Fidel Castro: *Primera Declaración de La Habana* (1960), *Segunda Declaración de La Habana* (1962), *Carta del ‘Che’ leída por Fidel* (1965), *Fragmentos del discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro en la velada solemne en memoria del Comandante Ernesto ‘Che’ Guevara* (1967), *Clausura del Segundo Congreso de la Federación de las Mujeres Cubanas* (1974), *Concentración popular efectuada en la Plaza de la Revolución ‘José Martí’, en honor del compañero Leonid Ilich Brezhnev, Secretario General del Comité Central del Partido Comunista de la Unión Soviética, y la delegación que lo acompaña* (1974)

Um exemplo das práticas estatais pode ser visto no bilhete de 10 pesos (Figura 3) que circulou em Cuba entre 1961 e 1989.

[Figura 3]
Cédula de dinheiro no valor de 10 pesos cubanos



Fonte: Triay (2020).

Inspirada em fotografias que retratam um ângulo semelhante, a cena reproduzida no verso da nota de dinheiro representa Fidel Castro de costas, com o rosto ligeiramente inclinado para a direita e o dedo em riste, em sinal de fala pública, se dirigindo a uma multidão reunida na Praça da Revolução, em Havana, em discurso conhecido como *Declaración de La Habana*¹⁴, ocorrido em 2 de setembro de 1960. Nesse caso, o enaltecimento do líder cubano se baseou em sua oratória, criando uma espécie de personalismo “falado” a partir do qual Castro se tornou sinônimo de discurso e vice-versa.

e *Acto de masas en apoyo a los acuerdos y resoluciones del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba* (1975).

¹⁴ Segundo Ana Corrairello (2019, p. 267), as relações políticas entre Cuba e América Latina após 1959 se expressaram através de um tipo específico de discurso de Fidel Castro, batizado pela propaganda política socialista como “Declaração”, e chamada pela autora de “acontecimento discursivo”. São eles: a “Primeira Declaração de Havana” (2/9/1960), a “Segunda Declaração de Havana” (4/2/1960) e a “Declaração de Santiago de Cuba” (26/9/1964).

De baixo valor monetário e, por isso, alta circulação, o referido papel-moeda exemplifica uma das estratégias de comunicação criadas pelo regime socialista a fim de difundir a “palavra” do mandatário e consolidar uma memória dos seus atos de fala. Tal intenção também pode ser atestada, entre outras evidências, pelo curto intervalo de tempo compreendido entre a realização do pronunciamento e a impressão do bilhete, apenas um ano. Por meio desse exemplo, é possível notar como a disseminação das ideias castristas ocorreu não apenas por meio dos seus discursos propriamente ditos, quando falar e ouvir aconteciam de forma simultânea, ou de suas versões editadas e massivamente publicadas dentro de Cuba, mas também por meio de suportes materiais de alta circulação social, que ajudaram a criar uma memória “discursiva” em torno do mandatário.

Após esmiuçarmos as diferentes dimensões das falas públicas do estadista cubano, entendemos que, sob o governo revolucionário, seus pronunciamentos se tornaram a um só tempo mecanismos de construção e transmissão de memórias, sobretudo as que se referiam à guerrilha de Sierra Maestra. A memória oficial criada e difundida pelo regime socialista, que genericamente se imputa ao Estado, como se o conceito fosse portador de uma “vontade” autônoma ou extra-humana e, portanto, apartada da realidade social, se expressou através do uso dos palanques por uma liderança política que a todo momento fez uso da palavra em público, sem permissão ao contraditório, no intuito de reafirmar uma visão de mundo voltada à legitimação da luta armada como um instrumento legítimo de tomada do poder.

Nesse sentido, os discursos do comandante oferecem uma via de acesso às dimensões material e simbólica que constituíram novas formas de representar o poder a partir de 1959, associando-o ao protagonismo de Castro e dos guerrilheiros de Sierra Maestra que haviam lutado contra a ditadura de Fulgêncio Batista. Em suma, entendemos que as falas públicas do governante cumprem a função de, em primeiro lugar, construir e, em seguida, difundir as memórias que mais convinham à narrativa que visava explicar as “origens”, a “apoteose” e a “continuidade” da Revolução Cubana, tendo como principal fonte de legitimidade a “palavra” de Fidel.

Segundo Joel Candau, o reconhecimento social de uma voz dotada de legitimidade para criar e transmitir memórias à opinião pública estaria diretamente relacionado à construção de “memórias fortes”, ideia resumida por ele da seguinte forma:

A eficácia [...] de uma visão de mundo, de um princípio de ordem, de modos de inteligibilidade da vida social, supõe a existência de ‘produtores autorizados’ da memória a transmitir: família, ancestrais, chefe, mestre, preceptor, clero etc. Na medida em que estes serão reconhecidos pelos ‘receptores’ como os depositários da ‘verdadeira’ e legítima memória, a transmissão social assegurará a reprodução de memórias fortes. Ao contrário, quando os guardiões e os lugares de memórias tornam-se muito numerosos, quando as mensagens transmitidas são inúmeras, o que é transmitido torna-se vago, indefinido, pouco estruturante, e os ‘receptores’ possuem uma margem de manobra muito maior que lhes irá permitir lembrar ou esquecer à sua maneira (Candau, 2019, p. 124-125).

A se pensar pela chave analítica de Candau, Fidel Castro se comportou como um “produtor autorizado” de memória, o que não significa dizer que todos os cubanos tenham aceitado passivamente tal comportamento. No que se refere à maneira de se representar em público, Castro procurou se legitimar enquanto fonte oral da “verdade da Revolução”, isto é, alguém que podia ser considerado um legítimo porta-voz da mensagem política a ser assimilada pela população. Assim, a propaganda estatal buscou transformá-lo em alguém capaz de simbolizar os significados que o regime socialista desejava incutir no povo cubano¹⁵.

Tendo a luta armada e, especificamente, a guerrilha de Sierra Maestra como pilar de sua “visão de mundo”, “princípio de ordem” e modo de “inteligibilidade da vida social”, para tomarmos de empréstimo alguns dos termos usados por Candau no trecho acima citado, o líder revolucionário se investiu de uma aura ao mesmo tempo civil e militar, se comportando como chefe em ambas as dimensões do poder. Desde o

triumfo da Revolução, o governo liderado por Fidel Castro percebeu que o controle, e, no limite, o monopólio, da palavra em público equivalia a centralizar o poder em torno de uma nova liderança, negando aos seus adversários um direito garantido apenas aos defensores da ordem socialista personificada em uma espécie de “homem-estado”.

Se para Fidel Castro e a esfera estatal o ciclo falar-registrar-publicar-rememorar¹⁶ (etapas 1 a 4) visava legitimar e preservar o regime socialista, para os seus interlocutores, o processo de persuasão sugere outra dinâmica, que pode ser resumida pela sequência ouvir/ver-ler/ver-replicar.

Inscrita no campo da oralidade, a primeira dimensão representa o contato entre líder e liderados nos mais variados espaços públicos, facultando à plateia a possibilidade de ver e ouvir o seu líder e, de forma concomitante, do líder se legitimar politicamente através das multidões que saíam às ruas e praças para vê-lo e ouvi-lo.

A segunda dimensão representa o contato massivo da população com os registros escritos e imagéticos produzidos pelos canais de comunicação controlados pelo Estado a partir dos discursos castristas. A edição e publicação destes discursos na forma de textos ou imagens buscava manter viva na memória dos cubanos não apenas os conteúdos abordados por Fidel Castro nos palanques, mas também a lembrança dos atos de fala como um evento digno de rememoração.

¹⁵ Representado o ponto de vista defendido pela propaganda governamental, o intelectual cubano Rafael Hernández defendeu que Fidel Castro simboliza a produção do consenso, posto que “se a política tem a ver com a arte de obter apoio interno e externo, ampliar e unificar a base social, fazer alianças, preservar a estabilidade do regime, enfraquecer ao máximo a oposição e as ameaças externas, obter o respeito até dos inimigos, e até saber ganhar uma certa aura de invencibilidade, são poucos os líderes vivos com a capacidade política de Fidel Castro” (Hernández, 1999, p. 31, tradução própria). No original: “*si la política tiene que ver con el arte de conseguir apoyo interno y externo, ampliar y unificar la base social, concertar alianzas, preservar la estabilidad del régimen, debilitar al máximo la oposición y las amenazas externas, obtener el respecto incluso de los enemigos, y hasta saber ganarse un cierto halo de invencibilidad, hay pocos líderes vivos con la capacidad política de Fidel Castro*”.

¹⁶ Tal sequência se assemelha aos três primeiros mecanismos de transmissão social da memória apontados por Peter Burke, a saber: tradição oral, relato escrito e imagens (Burke, 2006, p. 73-75).

A última dimensão diz respeito à intenção do emissor de que as “verdades da Revolução” contidas em seus discursos fossem compartilhadas socialmente pelos cubanos após terem tomado contato com elas por meio de uma voz autorizada, o que não significa que isso tenha ocorrido na prática. Em suma, tais dimensões explicitam o modo pelo qual forma, conteúdo e difusão das palavras de Fidel Castro se encontram na base da teia de comunicação política criada pelo regime socialista.

Estratégias retóricas nos discursos de Fidel Castro

Entre os recursos retóricos utilizados por Fidel Castro para estabelecer vínculos com suas audiências, um deles pode ser entendido como a tentativa de simular diálogos entre líder e liderados. Em linhas gerais, tal estratégia consistia na realização de perguntas e votações presenciais, organizadas com o objetivo de demonstrar que a experiência revolucionária insular fora capaz de estabelecer uma “democracia direta”¹⁷ protagonizada pelas “massas exploradas”.

Segundo Rufo López-Fresquet, ministro da Fazenda de Cuba entre janeiro de 1959 e março de 1960, que renunciou ao

cargo por divergir dos rumos do governo, motivo pelo qual se tornou um opositor do regime socialista insular, a ideia de comunicação política “direta” entre o dirigente e as massas populares através do rádio, televisão e praças públicas consistia em uma estratégia que visava corroer as instituições políticas construídas antes de 1959 a fim de centralizar o poder na figura do então primeiro ministro. Para Fresquet, Castro adequava suas mensagens ideológicas às circunstâncias do tempo presente no qual se comunicava com uma ideia genérica de “povo”, isto é, um “elemento amorfo” representado retoricamente como uma instância legitimadora do “novo” regime (López-Fresquet, 1969, p. 230, 248).

Já para o escritor colombiano Gabriel García Márquez, apoiador da Revolução Cubana, a “pedagogia oratória” de Castro se caracterizava por uma grande capacidade de interação com o público, pela flexibilidade de temas e abordagens e por diálogos inusitados com a plateia.

Na verdade, e especialmente fora de Havana, não é incomum que alguém o interogue no meio de uma manifestação pública e que se inicie um diálogo aos gritos. Tem uma linguagem para cada ocasião e uma forma de persuasão distinta de acordo com os diferentes interlocutores, sejam eles trabalhadores, camponeses, estudantes, cientistas, políticos, escritores ou visitantes estrangeiros. Sabe colocar-se ao nível de todos e possui vastas e variadas informações que lhe permitem movimentar-se com facilidade em qualquer ambiente. Mas sua personalidade é tão complexa e imprevisível que cada pessoa pode formar uma imagem diferente

¹⁷ Segundo Nancy Berthier (2010, p. 53, 64), o discurso de Castro conhecido como *Primera Declaración de La Habana*, feito em 2 de setembro de 1960, evidencia a sua intenção de construir um “modelo de governança” baseado em simulações de democracia direta e na “relação dialética” entre líder e povo.

dele no mesmo encontro (Márquez, 1988, p. 18, tradução própria)¹⁸.

Para Fidel Castro, através da democracia direta as pessoas conseguiriam manifestar suas opiniões políticas ainda no calor dos acontecimentos, podendo assim participar de forma ativa das “votações” realizadas publicamente, e sem a necessidade de representantes ou intermediários, tais como partidos políticos, sindicatos e instituições.

As simulações de votações em espaços abertos (Berthier, 2010, p. 95), como se as praças, ruas e avenidas das principais cidades cubanas exercessem a função de uma ágora ateniense, lugar que abrigava os debates e as deliberações políticas durante a antiguidade grega, diziam respeito a diferentes temas, podendo envolver decisões de caráter político-ideológico, como a “escolha” do nome do Partido Comunista de Cuba (Castro, 1965b) ou a “ratificação” das decisões tomadas no primeiro congresso partidário comunista (Castro, 1975).

Em determinados momentos, as simulações também serviram para defender a pena de morte por fuzilamento a ser aplicada pelos tribunais revolucionários contra os opositores do regime, sendo um deles

o dissidente Hubert Matos (Castro, 1959), ou ainda para batizar instituições que funcionavam como peças de propaganda do governo socialista, como a fábrica têxtil da cidade de Santa Clara, intitulada Desembarco del Granma através de uma “votação” popular ocorrida durante o discurso realizado por Fidel Castro na comemoração do 23º aniversário da chegada dos guerrilheiros do M 26-7 à costa cubana, vindos do México (Castro, 1979).

Em Cuba, como nas sociedades contemporâneas em geral, as falas públicas de Fidel Castro ocorreram em meio a grandes distâncias físicas entre orador e público, mas ainda assim configuraram um “meio audiovisual quente” (Piovezani, 2009, p. 230), que remonta à democracia direta praticada em Atenas durante a Antiguidade, organizada em assembleias nas quais a emissão e a recepção dos discursos políticos aconteciam de modo simultâneo.

Em virtude desse canal de comunicação “quente”, marcado pela reação imediata da audiência diante da mensagem do orador, em diferentes ocasiões, as palavras do estadista deixaram entrever tensões, imprevistos, desconfortos e eventuais descontentamentos tanto do emissor das alocações quanto dos ouvintes. Um exemplo disso pode ser encontrado no trecho em que Fidel Castro, aparentemente irritado com o comportamento de parte da plateia, constrangeu alguns populares a responderem uma pergunta feita por ele sobre o trabalho voluntário defendido pela Revolução Cubana.

Quem fez trabalho voluntário aqui levante a mão (a maior parte do público levanta a mão). Bem. Agora levante a

¹⁸ No original: “De hecho, y sobre todo fuera de La Habana, no es raro que alguien lo interpele entre la muchedumbre de una manifestación pública, y que se entable un diálogo a gritos. Tiene un idioma para cada ocasión, y un modo distinto de persuasión según los distintos interlocutores, ya sean obreros, campesinos, estudiantes, científicos, políticos, escritores o visitantes extranjeros. Sabe situarse en el nivel de cada uno, y dispone de una información vasta y variada que le permite moverse con facilidad en cualquier medio. Pero su personalidad es tan compleja e imprevisible, que cada quien puede formarse una imagen distinta de él en un mismo encuentro”.

mão os que ainda não fizeram trabalhos voluntários (ninguém levanta a mão). Eu disse que levantassem a mão aqueles que ainda não haviam feito trabalhos voluntários; vamos. Ah, mas quão pouco sinceros vocês são! Vamos, devemos ser honestos com a Revolução. Que levanten a mão aqueles que não fizeram trabalhos voluntários (alguns levantam a mão). Não, não, ainda são muito poucos; não, não, há mais pessoas aqui que não fizeram um único dia de trabalho voluntário (EXCLAMAÇÕES: “Não dá para ouvir”, “Repita, repita”). Eu disse que quem não fez trabalho voluntário deveria levantar a mão (ninguém levanta a mão). Bem, que levanten a mão aqueles que o fizeram (a maior parte do público levanta a mão).

Que levanten a mão aqueles que ainda não o fizeram... (o Comandante se dirige a uma pessoa na plateia.) Ei, por que você fica de boca fechada e não levanta a mão nenhuma das duas vezes...? Sim, e você também. Tem muitos que não mentem para dizer... Vai ter quem levante e não fez nada, sabe, mas há uns mais honestos que esses, que a levantam sem terem feito nada, tem quem quando dizemos para levantá-la, eles também não a levantam. Quando se diz: levante a mão quem ainda não o fez, não levanta. Isso é desonestidade revolucionária.

Pois bem, levante a mão quem ainda não fez trabalhos voluntários, sejam sinceros! Aqueles que não fizeram trabalho voluntário deveriam levantar a mão (GRITOS DE: “Não se ouve”) Sim, e como me ouvem quando digo que aqueles que fizeram devem levantar a mão? (EXCLAMAÇÕES) Como...? Não, mas não

vou dizer nada agora (GRITOS DE: “Fidel, Fidel!”) (Castro, 1961b, tradução própria)¹⁹.

Ao se descontentar pelo fato de ninguém assumir que ainda não havia realizado trabalhos voluntários, Fidel Castro desconfiou de seus interlocutores ao frisar que havia mais gente em “dívida” com o governo socialista. É digno de nota o fato de o mandatário reclamar tão enfaticamente do que chamou de falta de “sinceridade” e de “honradez revolucionária” por parte da plateia, queixas que inclusive o fizeram subir o tom

¹⁹ No original: “Que levanten la mano los que han hecho trabajo voluntario aquí (La mayor parte del público levanta las manos). Bien, ya. Ahora, que levanten la mano los que no han hecho todavía trabajos voluntarios (Nadie levanta las manos). Dije que levantarán la mano los que no habían hecho trabajos voluntarios todavía; vamos. ¡Ah, pero qué poco sinceros son ustedes! Vamos, hay que ser honrados con la Revolución. Que levanten la mano los que no han hecho trabajos voluntarios (Unos cuantos levantan las manos). No, no, todavía son muy pocos; no, no, aquí hay más que no han hecho un solo día de trabajo voluntario (EXCLAMACIONES DE: ‘No se oye’, ‘Que lo repita, que lo repita’). Yo decía que levantarán la mano los que no habían hecho trabajo voluntario (Nadie levanta las manos). Bueno, que levanten la mano los que lo han hecho (La mayor parte del público levanta las manos). Que levanten la mano los que no lo han hecho... (El Comandante se dirige a una persona del público.) Oye, ¿por qué tú te quedas callado la boca y no la levantas ninguna de las dos veces...? Sí, y tú también. Hay muchos que no mienten para decir... Habrá algunos que la levanten y no haya hecho nada, saben, pero hay algunos más honrados que esos, que esos que la levantan sin haber hecho nada, hay algunos que cuando decimos que la levanten, tampoco la levantan. Cuando se dice: levanten la mano los que no lo han hecho, no la levantan. Eso es una falta de honradez revolucionaria.

Bueno, levanten la mano los que no han hecho trabajos voluntarios, ¡sean honrados! Los que no han hecho trabajos voluntarios que levanten la mano (EXCLAMACIONES DE: ‘No se oye’) Sí, ¿y cómo me oyen cuando digo que la levanten los que lo han hecho? (EXCLAMACIONES) ¿Cómo...? No, pero si no estoy diciendo nada ahora (EXCLAMACIONES DE: ‘¡Fidel, Fidel!’)”.

das críticas a ponto de acusar dois de seus interlocutores de displicência por terem permanecido calados e não terem levantado a mão para nenhuma das indagações feitas por ele. Além desses constrangimentos individualizados, o governante também acusou outros participantes de estarem mentindo publicamente sobre a sua pergunta.

Ampliando a tensão entre audiência e emissor, terminou acusando a plateia de escutar somente aquilo que desejava, deixando de responder as perguntas consideradas inconvenientes. Mentindo ou simplesmente se recusando a participar das dinâmicas propostas por Fidel Castro no mesmo lugar em que três meses antes seus milicianos saíram vitoriosos da batalha de Playa Girón, o trecho acima citado pode ser considerado um dos raros momentos nos quais vieram à tona, ainda que timidamente, uma possível resistência silenciosa da plateia, revelando que os eventos oficiais nos quais Castro discursava não contavam sempre com uma audiência engajada ou ávida por ouvi-lo, ou que pacificamente realizava todas as suas vontades, independentemente do tema em questão e do que fosse solicitado.

Nesse sentido, as fontes não revelam apenas as reflexões de Fidel Castro sobre os mais diferentes assuntos, reverberadas em Cuba pelos meios de comunicação controlados pelo Estado, mas também as condições materiais a partir das quais ele discursou para as multidões. Em certas ocasiões, o próprio mandatário fez menção a alguns dos fatores que estariam atrapalhando a realização ou a plena compreensão de suas falas públicas.

Entre as motivações que foram compulsadas, destacam-se as dores de garganta (Castro, 1961a) e a perda da voz

(Castro, 1965a), os problemas com o sistema de som dos alto-falantes instalados em espaços a céu aberto (Castro, 1965a) e os distúrbios causados pelo eco (Castro, 1967a), as intempéries como excesso de chuva (Castro, 1967a) ou de calor (Castro, 1968), além das reclamações relativas à grande distância que separava a tribuna do público, circunstância em que Fidel Castro se queixou de falar para uma “multidão abstrata” (Castro, 1967b).

Através da leitura das fontes também é possível descobrir informações sobre o comportamento do público²⁰ e a organização dos eventos, tanto no que se refere às vestimentas, indumentárias e apetrechos levados ou distribuídos aos populares, tais como “machetes” (facões, em português) e tochas (Castro, 1966), passando pela presença de convidados ilustres na tribuna de honra, tais como a militante do movimento negro norte-americano Ângela Davis (Castro, 1972) e o astronauta soviético Iuri Gagarin (Castro, 1961a), quanto no que se refere à decoração das cerimônias e dos rituais cívicos, tais como marchas, desfiles e discursos prévios, estes quase sempre feitos por líderes das organizações de massas e instituições criadas ou diretamente vinculadas ao governo revolucionário (Castro, 1964).

Em algumas ocasiões, a interação entre orador e audiência pareceu inusual. Uma dessas situações pode ser encontrada no discurso em que Castro mostrava-se

²⁰ Observado por meio dos slogans entoados pelo público durante as falas públicas do mandatário (*Fidel p'a lo que sea; Fidel, amigo, el pueblo esta contigo*), que apesar de demonstrarem interações entre líder e liderados, não devem ser tomados acriticamente como reações espontâneas dos receptores do discurso.

orgulhoso dos últimos resultados da economia cubana, que ele afirmava estar vivendo a era do pleno emprego. Todavia, no auge de sua reflexão triunfalista, foi interrompido por alguém da plateia que alegava estar desempregado, expressando um claro contraponto às suas ideias. Sem titubear, o comandante pediu que todos os desocupados se dirigissem imediatamente à tribuna, pois ao término do evento seriam disponibilizados postos de trabalho aos interessados, desde que se dispusessem a trabalhar no setor produtivo, e não na burocracia estatal (Castro, 1967c).

Além das surpresas vindas da plateia, certas passagens revelaram comentários inesperados feitos pelo próprio Fidel Castro, a exemplo de quando repercutiu o resultado parcial de um jogo de baseball da seleção cubana, realizado simultaneamente ao seu discurso, e que estaria distraíndo seus ouvintes (Castro, 1967b), ou ainda a tentativa de recuperar a atenção da plateia após a passagem de aviões pelos céus de Havana (Castro, 1962b). Descontraídas, certas situações abriram espaço para piadas contadas pelo estadista. Segundo uma delas, Fidel falava durante tanto tempo na tribuna que Iuri Gagarin, convidado para os festejos do 8º aniversário do assalto ao quartel Moncada, já teria conseguido dar duas voltas completas na terra, ocasião em que o astronauta soviético teria dito que até aquele momento pelo menos uma volta e meia já teria sido possível realizar (Castro, 1961a).

Além das cenas descontraídas e inusitadas acima elencadas, as quais revelam aspectos não programados previamente nem por Fidel Castro nem pela alta cúpula estatal-partidária, outras práticas discursivas buscaram conferir novas camadas de significados a antigos hábitos e costumes da

vida social cubana. Em 1965, por exemplo, o estadista se apropriou da tradição cristã com o objetivo de ampliar a abrangência e o significado das comemorações governamentais criadas para rememorar a declaração do caráter socialista da Revolução Cubana e da vitória militar na batalha de Playa Girón, ocorridas nos dias 16 e 19 de abril de 1961, respectivamente. Nessa ocasião, ele sugeriu que os festejos relacionados aos dois acontecimentos ocorressem não apenas em dois dias, mas ao longo de uma “semana de glória”, também chamada de “semana proletária”.

E no açúcar já temos a meta de 5.100.000 para o 1º de maio; a colocamos mais alta (APLAUSOS). E aqui, por exemplo, alguns dados desta semana de homenagem aos heróis de Girón; semana que coincidiu com o período em que ocorre a maior diminuição, por coincidir com as tradicionais férias da Páscoa. Porque, realmente, os burgueses estabeleceram esse costume; eles eram muito católicos, mas quando chegava a Semana Santa faziam passeios, férias e festas. Pois nós teremos a nossa semana de Girón, e será uma semana proletária, será uma semana de trabalho (APLAUSOS); e sem que isso tenha qualquer espírito antirreligioso, contrariaremos o costume burguês também com a nossa semana de glória, que é a semana de Girón. E a faremos coincidir com aquela tradicional data da Semana Santa; então a data mudará de acordo com as disposições do Santo Padre de Roma (APLAUSOS) (Castro, 2001, p. 207-208, tradução própria)²¹.

²¹ No original: “Y en el azúcar ya tenemos para el Primero de Mayo la meta de 5.100.000; la pusimos más alta (APLAUSOS). Y aquí, por ejemplo, algunos datos en esta semana de homenaje a los héroes de Girón;

Em 1965, o período que na tradição católica é chamado de Semana Santa abrangeu os dias 16 a 18 de abril, intervalo compreendido entre a Sexta-feira da Paixão e o Domingo de Páscoa. Desde 1962, quando se comemorou a efeméride de Playa Girón pela primeira vez, o recém instaurado regime socialista utilizou essa época do ano para rememorar a vitória obtida diante dos grupos exilados financiados pela CIA. Contudo, três anos depois, em 1965, Castro ressignificou a coexistência dos festejos religioso e laico vinculados ao cristianismo e à Revolução, respectivamente.

De um lado, os religiosos representados pelo “santo padre de Roma”, tidos como aliados da antiga burguesia cubana e seus “costumes”; grupos que o dirigente acusou de terem usado o feriado, antes de 1959, para “passear” e “festejar”. Do outro lado, os trabalhadores cubanos, instados a apoiarem o governo e seu líder para assim sepultarem uma religiosidade entendida como resquício da ordem burguesa.

No contexto econômico marcado pela safra de cana-de-açúcar, o comandante aproveitou a ocasião para comunicar ao povo cubano o aumento da meta estipulada

pelo Estado para a colheita daquele ano, o que sugere uma cobrança implícita para o aumento da produtividade dos trabalhadores do campo. Temendo a diminuição da produtividade do principal produto de exportação de Cuba em virtude do descanso dos trabalhadores durante a Semana Santa, a memória de Playa Girón motivou o estímulo moral que seria capaz de impulsionar a atividade laboral nos engenhos espalhados pela ilha.

Diante do quadro apresentado, é possível apontar algumas conclusões relativas às estratégias discursivas adotadas por Fidel Castro²².

Primeiramente, entendemos que as fontes não devem ser concebidas como o produto, mas como uma comunicação política em curso, isto é, que transcorre à medida que se lê o registro escrito do que originalmente pertence ao campo da oralidade. Na leitura das fontes tivemos contato com o “fazer-se” da relação entre orador e receptores, isto é, com a construção das relações simbólicas que mediarão o contato entre enunciador e interlocutores.

Em segundo lugar, destacamos o uso da ideia de democracia “direta” como forma de legitimar o governo instaurado logo após a queda de Fulgêncio Batista, quando seu

semana que coincidió con la época en que se produce la mayor baja, porque coincide con el tradicional descanso de Semana Santa. Porque, realmente, los burgueses establecieron esa costumbre; ellos eran muy católicos, pero cuando llegaba la Semana Santa se iban a pasear, de vacaciones y a parrandear. Pues nosotros tendremos nuestra semana de Girón, y será una semana proletaria, será una semana de trabajo (APLAUSOS); y sin que esto tenga ningún espíritu antirreligioso, nosotros contrarrestaremos la costumbre burguesa con nuestra semana de gloria también, que es la semana de Girón. Y la haremos coincidir con esa fecha tradicional de la Semana Santa; así que cambiará de fecha según las disposiciones del Santo Padre de Roma (APLAUSOS)”.

²² Sobre tais estratégias, Silvia Giraudo (2010, p. 212-215) aponta que a ideia de “verossimilhança” empregada por Fidel Castro em seus discursos consistia em menções a uma grande quantidade de cifras e estatísticas, citações *ipsis litteris* de trechos de documentos, tais como livros, revistas, jornais e afins, além de descrições detalhadas de fatos, personagens e contextos históricos. Ana Corrarello (2019, p. 215, 227) acrescentou que Castro usava a “interrogação retórica” como forma de reforçar seus argumentos e persuadir sua plateia quanto aos conteúdos abordados por ele na tribuna.

líder divulgava à opinião pública a tese de que a Revolução Cubana havia conferido protagonismo às massas exploradas, as quais começaram a participar ativamente dos debates e decisões políticas, diferentemente das democracias burguesas.

Em terceiro lugar, transmitia-se a sensação de que a democracia “direta” constituía uma relação “próxima” entre líder e liderados, permitindo que ambos os atores sociais (individual e coletivo) se legitimassem mutuamente em espaços públicos como os únicos agentes capazes de construir uma nova forma de soberania. Por fim, ressaltamos que as fontes analisadas revelam tensões e imprevistos que, a princípio, em razão de seu caráter oficial, não se supunha capazes de revelar. Mesmo “senhor da palavra”, nem tudo o que Fidel Castro desejava saía conforme o esperado.

Em suma, sustentamos neste artigo que a produção discursiva de Fidel Castro enquanto mandatário deve ser entendida como um objeto histórico relevante para a compreensão das relações entre Estado e sociedade em Cuba após 1º de janeiro de 1959. A premissa de que as falas públicas castristas devem ser encaradas como fontes históricas passa pela percepção de que tais registros evidenciam as intencionalidades político-ideológicas de seu enunciador. Para além de intencionalidades individuais, as quais se expressam por meio dos argumentos mobilizados durante a fala pública, os discursos do líder da Revolução Cubana revelam também narrativas diretamente ligadas às estruturas de Estado criadas pelo regime socialista insular, consolidando assim a “palavra” de Fidel Castro como um campo de estudos à espera de novas contribuições. ■

Considerações finais

Tendo em vista as reflexões acima realizadas sobre a construção e a transmissão de memórias relativas à Revolução Cubana nos discursos de Fidel Castro, bem como sobre os recursos retóricos empregados por ele ao longo de sua atuação como chefe de Estado, este artigo analisou as distintas etapas de produção e disseminação de fontes históricas resultantes do processo que vai da oralidade à escrita, atentando também para as estratégias comunicativas que lhe dotaram de grande poder de persuasão após o triunfo da Revolução Cubana.

[BRUNO ROMANO RODRIGUES]

Doutor e mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), estuda os usos políticos da memória da luta armada pela Revolução Cubana, com ênfase nos discursos proferidos por Fidel Castro. E-mail: romanorodrigues@hotmail.com

Referências

ALCÁZAR, Joan del; RIVERO, Sergio López. Fidel Castro, cuatro fases de un liderazgo inacabado. **Araucaria**, v. 15, n. 30, p. 3-24, 2013. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/araucaria/article/view/2199>. Acesso em: 22 out. 2024.

BERTHIER, Nancy. **Fidel Castro**: arrêts sur images. Paris: Ophrys, 2010.

BIBLIOTECA JOSÉ MARTÍ. **Anuário Bibliográfico Cubano**. Havana: Consejo Nacional de Cultura, 1959-1976.

BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 67-89.

CANDAU, Joel. **Antropologia da memória**. Lisboa: Instituto Piaget, 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CASTRO, Claudia Gomes de. **Imagens da Revolução Cubana**: os cartazes de propaganda política do Estado socialista (1960-1986). 2006. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, ante el pueblo congregado en el Palacio Presidencial para reafirmar su apoyo al Gobierno Revolucionario y como protesta contra la cobarde agresión perpetrada contra el pacifico pueblo de La Habana por aviones procedentes de territorio extranjero, el 26 de octubre de 1959. **Portal Cuba**, 1959. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1959/esp/f261059e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VIII aniversario del ataque al cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución “José Martí”, en La Habana, el 26 de julio de 1961. **Portal Cuba**, 1961a. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f260761e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la clausura de los actos celebrados en Playa Girón, Península de Zapata, el 27 de julio de 1961. **Portal Cuba**, 1961b. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1961/esp/f270761e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en el acto conmemorativo del Primero de mayo, en la Plaza de la Revolución, el 1º de mayo de 1962. **Portal Cuba**, 1962a. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f010562e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario General de las ORI y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario de Cuba, en la concentración celebrada con motivo de conmemorarse el noveno aniversario del 26 de julio, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1962. **Portal Cuba**, 1962b. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1962/esp/f260762e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Secretario General del PURSC y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en conmemoración al Día Internacional de los Trabajadores, celebrada en la Plaza de la Revolución “José Martí”, el 1º de mayo de 1964. **Portal Cuba**, 1964. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1964/esp/f010564e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Unido de la Revolución Socialista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, resumiendo los actos del V aniversario de los CDR, en la concentración efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de septiembre de 1965. **Portal Cuba**, 1965a. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f280965e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de presentación del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, efectuado en el Teatro “Chaplin”, el 3 de octubre de 1965. **Portal Cuba**, 1965b. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1965/esp/f031065e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VI aniversario de los CDR. Plaza de la Revolución, 28 de septiembre de 1966. **Portal Cuba**, 1966. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1966/esp/f280966e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el desfile militar y concentración efectuados en la Plaza de la Revolución, con motivo del VIII aniversario de la Revolución, el 2 de enero de 1967. **Portal Cuba**, 1967a. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f020167e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del XIV aniversario del asalto al cuartel Moncada, en Santiago de Cuba, el 26 de julio de 1967. **Portal Cuba**, 1967b. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f260767e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la conmemoración del VII aniversario de la fundación de los CDR. Plaza de la Revolución, 28 de septiembre de 1967. **Portal Cuba**, 1967c. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1967/esp/f280967e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en la concentración en conmemoración del decimoquinto aniversario del heroico ataque al cuartel Moncada, en la Plaza de la Revolución de Santa Clara, Las Villas, el 26 de julio de 1968. **Portal Cuba**, 1968. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1968/esp/f260768e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la Republica de Cuba, en el resumen de la concentración popular por el XII aniversario de la creación de los Comités de Defensa de la Revolución, efectuada en la Plaza de la Revolución, el 28 de setiembre de 1972, “Año de la Emulación Socialista”. **Portal Cuba**, 1972. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1972/esp/f280972e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Primer Ministro del Gobierno Revolucionario, en el acto de masas con motivo de la clausura del Primer Congreso del Partido Comunista de Cuba. Plaza de la Revolución, 22 de diciembre de 1975, “Año del Primer Congreso”. **Portal Cuba**, 1975. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1975/esp/c221275e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por Fidel Castro Ruz, Presidente de la República de Cuba, en la inauguración del Combinado Textil de Santa Clara, celebrada el 2 de diciembre de 1979, “Año 20 de la victoria”. **Portal Cuba**, 1979. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1979/esp/f021279e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba y Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros, en la velada solemne con motivo del XXV aniversario del triunfo de la Revolución y la entrega del titulo honorifico de “Heroe de la Republica de Cuba” y la orden “Antonio Maceo” a la ciudad de Santiago de Cuba, en el antiguo ayuntamiento de esa ciudad, el 1ro. de enero de 1984, “Año del XXV aniversario del

triunfo de la Revolución”. **Portal Cuba**, 1984. Disponível: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1984/esp/f010184e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. **Por un mundo de paz, justicia y dignidad**: discursos en conferencias cumbre (1991-1996). Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1996.

CASTRO, Fidel. **Discurso del Presidente de la República de Cuba, Fidel Castro, en el acto central por el 40º aniversario del triunfo de la Revolución, efectuado en el Parque Céspedes, Santiago de Cuba, el día 1º de enero de 1999**. **Portal Cuba**, 1999. Disponível em: <http://www.cuba.cu/gobierno/discursos/1999/esp/f010199e.html>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CASTRO, Fidel. **Fidel Castro habla de Playa Girón**. Havana: Ocean Press; Política, 2001.

CASTRO, Fidel. **Fidel Castro y la historia como ciencia**: selección temática 1959-2003. Havana: Centro de Estudio Martiano, 2007. v. 1.

CASTRO, Fidel; Tabío, Pedro Álvarez. **Habla Fidel**: 25 discursos en la Revolución. Havana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 2008.

CORRARELLO, Ana. **Fidel Castro**: de la etapa fundacional al proyecto socialista soviético (1963-1989): Adecuación estratégica del discurso. Buenos Aires: Santiago Arcos, 2019.

FRANQUI, Carlos. **Vida, aventuras y desastres de un hombre llamado Castro**. Barcelona: Planeta, 1988.

GIRAUDO, Silvia. **Revolución es más que una palabra**: Fidel Castro en la tribuna. Buenos Aires: Biblos, 2010.

HERNÁNDEZ, Rafael. **Mirar a Cuba**: ensayos sobre cultura y sociedad civil. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

LÓPEZ-FRESQUET, Rufo. **Fui ministro de Fidel**. Rio de Janeiro: Laudes, 1969.

MÁRQUEZ, Gabriel García. Fidel Castro: El oficio de la palabra hablada. In: MINA, Gianni. **Habla Fidel**. Buenos Aires: Sudamericana, 1988. p. 11-28.

PEDRESCHI, Guilherme Barbosa. **Na estrada com Fidel**: o outdoor na Revolução Cubana. São Paulo: Contradanza, 2018.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo e voz**: dispositivos de fala pública e produção da verdade do discurso político. São Paulo: Unesp, 2009.

PIOVEZANI, Carlos; COURTINE, Jean-Jacques (org.). **História da fala pública:** uma arqueologia dos poderes dos discursos. Petrópolis: Vozes, 2015.

RODRIGUES, Bruno Romano. ¡Habla Comandante! Estratégias de memória nos discursos de Fidel Castro (1959-2006). In: CALEGARI, Ana Paula Cecon; GENEROSO, Lúdia M. de Abreu (org.). **Revolução Cubana:** perspectivas históricas e desafios atuais. Belo Horizonte: Initia Via, 2021. p. 411-431.

ROJAS, Rafael. **La maquina del olvido:** mito, historia y poder en Cuba. Cidade do México: Taurus, 2012.

SAFARTI, Salomón Susi. **Diccionario del pensamiento de Fidel Castro.** Havana: Política, 2008.

TRIAY, Alina Martínez. Aprobación de la Primera Declaración de La Habana: Una votación inédita en el mundo. **Trabajadores**, Havana, 30 ago. 2020. Disponível em: <https://www.trabajadores.cu/20200830/aprobacion-de-la-primera-declaracion-de-la-habana-una-votacion-inedita-en-el-mundo/>. Acesso em: 10 fev. 2024.